

# Também tu, Susana?



**P**ELOS vistos as coisas andam a correr mal na área da Administração e Justiça. Os reparos e as críticas nascem como cogumelos em quase todos os quadrantes da sociedade macaense e, finalmente, a população vai compreendendo e percebendo que, na verdade, o muito que foi apregoado ter sido feito, apenas teve como resultado a estagnação e o constante adiar de inúmeros actos e soluções. Parafraseando a secretária do pelouro da dita Administração e Justiça, para o ano é que é!

Nestes nove anos de Macau governada pelas suas gentes, nota-se um défice muito grande nos mais variados sectores governamentais e o mais grave e mediático de todos teve como resultado o famigerado caso Ao Man Long, sobejamente conhecido por se tratar um indivíduo com um alto cargo na Administração local e supostamente detentor de grandes responsabilidades. Branqueamento de capitais, corrupção, extorsão e afins, foram os crimes dilectos do antigo governante. Enfim, uma mão cheia de peripécias, umas mais burlescas do que outras, outras no mínimo infantis e mais, mas demonstrando bem a ganância do seu autor.

No sector das infra-estruturas, Macau ficou a perder, e muito, com esta espécie de governante, e o que deveria ter sido realizado nunca chegou a acontecer. A preparação das infra-estruturas básicas necessárias para o passo gigante que se avizinhava não passou do papel e a bagunça instalou-se de malas e bagagens. A rede viária é o que todos sabemos, o Metro não passou do centímetro, os transportes públicos são abaixo de cão, a gestão de lixos e rede sanitária é um atraso de vida, a saúde é uma anedota inqualificável, o funcionalismo público não sai da cepa torta, por muito bons funcionários que possua, a educação está pela hora da morte, e por aí fora, tendo ficado quase tudo por fazer.

O resultado é bem visível. Macau, em apenas três anos, cresceu desmesuradamente e os casinos, se quiseram ter gente a encher as salas de jogo, tiveram que dar corda às sapatilhas e arranjar meios próprios de transporte. Porém, o cidadão comum, o tal que nasce, vive, estuda e trabalha em Macau, teve que se desenrascar e, de carro, a pé, ou de motociclo, lá vai cumprindo como pode para não chegar atrasado ao emprego e fazer pela vida, já que a alternativa são aquelas latas de azeitonas com rodas que teimam em calcorrear a cidade de uma forma canina (cheirando o rabo uns aos outros).

Depois temos aquele empate técnico do costume, o zero a zero, entre os tribunais e a Administração propriamente dita. Os primeiros reivindicam mais magistrados e pessoal qualificado, os segundos nada fazem argumentando não quererem interferir na independência destes órgãos.

Já para não falar nos iluminados que acham que o bilinguismo é que é o culpado pelo estado das coisas. Alguém ou algo tinha que ter as costas largas, mas ainda bem que ainda existem vozes que colocam o dedo na ferida e acertam na mouche. Deviam era ter vergonha na cara e estar bem caladinhos para não terem que ouvir certas verdades, como a que foi dita pelo deputado Leonel Alves, quando mencionou que

O bafio e a humidade vão tomando conta da Justiça e esta pobre coitada além de cega fica coxa e coberta de pó. Cá fora, a assistir a este imbróglio, está o povo que espera há três ou mais anos para ver solucionada uma questão de caca

nem lhe passava pela cabeça que em Hong Kong os aplicadores do direito não soubessem inglês!

Este confito vai gerando um sem número de críticas, de ordem vária, tanto por parte da população como de alguns elementos que fazem parte da Assembleia Legislativa. No meio de toda esta confusão, a consequência mais evidente é o aumento de processos que se vão avolumando em cima das secretárias, que devidamente atados esperam pelo dia em que alguém lhes dê uma vista de olhos.

Temos assim um autêntico jogo de pingue-pongue, exactamente tão ao gosto dos empatas, em que ninguém, ao que parece, quer ficar com a bola. Entretanto, o bafio e a humidade vão tomando conta da Justiça e esta pobre coitada além de cega fica coxa e coberta de pó.

Cá fora, a assistir a este imbróglio, está o povo que espera há três ou mais anos para ver solucionada uma questão de caca.

A reforma administrativa emperrou, isto é, parece que já se reformou por ter atingido o limite de idade e a paciência do cidadão vai-se esgotando. Se calhar não era preciso nenhuma reforma e a que existe, não sendo a melhor, ainda serve para qualquer coisinha.

Lembrando os treinadores de futebol, estes afirmam que na equipa vitoriosa não se mexe.

O tempo vai passando e adia-se o inadiável, não tanto pela necessidade, pelo que julgo, mas pelo que foi prometido e não cumprido. O cidadão comum e leigo nestas andanças sente-se defraudado, direi até traído, e o pior é que esta traição não é como a outra, a do famoso Artigo 23º, não está regulamentada, logo, acabando por não ser punível.

A propósito do Artigo 23º, a presidente da Assembleia Legislativa alertou o plenário sobre o desconhecimento pela parte dos políticos nesta matéria, deixando uma visão bem esclarecedora da situação em que nem os responsáveis pela aprovação deste artigo se encontram devidamente elucidados.

E o que esperar da população em geral? Como se pode debater esta matéria, que a todos parece tão sensível, de um modo tão leviano? Será que os tais políticos que demonstram ignorância vão assinar de cruz? Ou ainda terão tempo de ficar esclarecidos até ao fim do mês?

A ver vamos, como diz o cego. Nove anos de gestação já cá cantam e o que foi parido, entretanto, cheira a pouco, a avaliar pela quantidade de expectativas criadas todos os anos em Novembro.